

O colapso do ritmo

Luisa Maria Rizzo¹, Porto Alegre

A autora reflete sobre o tema do ritmo como um elemento fundamental para a continuidade psíquica e estruturante para o registro, na psique, de um relacionamento mãe/bebê harmônico. O acontecimento inusitado e traumático da COVID-19 faz um recorte e vem subjetivar de modo particular a escrita, provocando a criação de novos vértices, entre os quais o tema do colapso. O conceito de Winnicott sobre o medo do colapso é atualizado dentro de tal contexto, em que surgem o vazio, a morte e a não-vida. A filosofia também se faz presente como uma interlocução importante, com passagens de ensaios atuais de filósofos a respeito do impacto da pandemia, refletindo e ilustrando os temas do colapso e do ritmo. Percorre-se o pensamento de René Roussillon e Victor Guerra, através de suas contribuições a respeito do ritmo na vida psíquica e a condição de previsibilidade implícita nessa aquisição. A ressonância desses temas na clínica, a partir do atendimento on-line, é abordada como último aspecto, tendo como referência as contribuições de Alessandra Lemma sobre o setting encarnado.

Palavras-chaves: Winnicott; COVID-19; Medo do colapso; Ritmo; Temporalidade; Atendimento on-line

¹ Psicóloga, psicanalista. Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Luisa Maria Rizzo

Introdução

No final de 2019, tomei conhecimento que a Revista de Psicanálise da SPPA iria homenagear Donald Winnicott em um volume especial e, assim, iniciei a escrita de um artigo no desejo de participar desta iniciativa de alguma forma. Porém, no decorrer do tempo desta produção, fui surpreendida com o fenômeno traumático da pandemia da COVID-19, sendo decretada, inclusive, como medida preventiva, a suspensão de contato entre as pessoas. Este acontecimento inevitavelmente subjetivou de forma particular a presente escritura. Por outro lado, veio a tornar-se um espaço de liberdade e de expressão possível para uma mente que se sentia, por vezes, mergulhada no mar de sofrimento revelado pelas notícias internacionais e locais. Escrever, bem como seguir minhas atividades profissionais e didáticas online, foram e são ferramentas que utilizo para garantir uma suspensão do desamparo, que também se ameniza pela possibilidade de comunicação com familiares e amigos através do uso dos veículos tecnológicos.

No momento em que nosso cotidiano é atravessado por uma ameaça de perigo à saúde e à continuidade da vida, encontro, na realidade compartilhada pelo mundo, a metáfora para a vivência de um bebê em busca de um ritmo estável em um útero que o alimenta e protege, dependente absoluto do ambiente que o recebe, trazendo consigo a necessidade de construir a crença de que a sua condição de ser vivo não está ameaçada. De repente, o incremento da comunicação virtual – outrora visto com reservas, por constranger nossas intimidades – passa a ser esse *alimento* buscado, o único elo que nos devolve um pouco daquilo que anteriormente parecia nos privar.

Entramos para nossas casas – aqueles que têm casas – e voltamos a nos encarregar do básico, do simples, daquilo que precisamos para uma sobrevivência. No entanto, em casa temos um hóspede: o horror causado pelo conhecimento da realidade traumática da pandemia, a constatação de que muitos não vão conseguir permanecer vivos e que, certamente, não apenas a saúde física está ameaçada. O ambiente tenta dar conta do desamparo através da superlotação das *caixas de mensagens*, ao mesmo tempo em que as telas se tornam o recurso imprescindível para mantermos algum sentimento de continuidade. Também tento equilibrar o que está fora e dentro, alçando pontes para que o pensamento ganhe abrigo, enquanto uso a escrita como instrumento de continuidade. Busco um *holding* capaz de permitir que meu pensamento integre as agonias vivenciadas e possa reassegurar a sobrevivência da mente.

Começam a circular um número significativo de textos, muitos deles escritos

por autores renomados, abordando aspectos distintos da catástrofe da pandemia. Com esta leitura, percebi a necessidade de abrir sentidos, ampliar horizontes, e me aproximei daqueles aspectos mais doloridos que colocam cada um de nós na responsabilidade desta ocorrência. O ambiente entrou em colapso e, por ser parte dele, também o ser humano. As leituras me despertaram reflexões, permitindo alguma distância da perplexidade, devolvendo-me o espaço para atender a solicitação de escrever. Entre os comentários aos quais tive acesso, destacou-se uma coletânea de ensaios e artigos intitulada *Sopa de Wuhan*² (Agamben, Žižek, Nancy, Berardi, Lópes Petit, Butler, Badiou, Harvey, Han, Zibech, Galindo, Gabriel, Yáñez González, Manrique & Preciado, 2020), sugerida por colegas de um grupo de estudos de filosofia – o qual tenho o privilégio de participar há muitos anos – e este fato veio a sedimentar a minha escolha dos temas para a escrita. O Editorial contempla o pensamento contemporâneo em torno da COVID-19, através da produção filosófica publicada durante o período compreendido entre 26 de fevereiro e 28 de março de 2020. A coletânea apresenta os ensaios de pensadores renomados da Alemanha, Itália, França, Espanha, EUA, Coreia do Sul, Eslovênia, Bolívia, Uruguai e Chile. Observo, nestes textos, a presença de uma analogia da pandemia com a vivência de um colapso, que implicaria um antes e um depois, a ruptura de algo que já estava por implodir e, ao mesmo tempo, necessitava ser vivido. Da mesma forma, o tema do ritmo era destacado através da constatação, no homem atual, de uma aceleração, de um frenesi, justificados pela obsessão por produtividade, trazendo o descompasso com a natureza. Ainda em relação aos ritmos, os textos identificavam – além da aceleração – a apatia, causada pela impossibilidade da realidade fazer resistência à era da digitalização.

Neste trabalho, vou revisitar o conceito de *medo do colapso* presente em Winnicott (1963/1994), bem como as contribuições de René Roussillon, Victor Guerra, Tustin e outros sobre o *ritmo* e a importância da experiência rítmica para os aspectos interativos. O colapso caracteriza-se pela desconexão, pela parada, enquanto o ritmo nos remeteria ao movimento, à continuidade. Posteriormente, estenderei essas conclusões para relacioná-las com a clínica em tempos de atendimento *on-line*, por ter observado uma interferência importante no compasso dos ritmos entre analista e paciente.

Para ajustar os ritmos entre autor e leitor, pensei em trazer, ao menos, algumas passagens dos textos destes filósofos e pensadores que contribuíram para

² *Sopa de Wuhan*, compilação do pensamento contemporâneo em torno da COVID-19, contendo a produção filosófica de pensadores de vários países escrita no período de 26 de fevereiro a 28 de março de 2020. Editorial ASPO (Aislamento Social Preventivo y Obligatorio)

Luisa Maria Rizzo

pensar o momento e a situação global, possibilitando, assim, que brotem no leitor ressonâncias particulares.

A pandemia: ressonâncias no coletivo

Franco “Bifo” Berardi (2020, 19 de marzo)³,

As convulsões recentes do corpo planetário quem sabe estão provocando um colapso que obrigue o organismo a se deter, a abrandar seus movimentos, a abandonar os lugares abarrotados e as frenéticas negociações cotidianas. E se fosse essa a via de fuga que não conseguíamos encontrar e agora se apresenta para nós em forma de epidemia psíquica, de um vírus linguístico por um biovírus? (p. 37)

Eis aqui a surpresa, o giro, o imprevisto que frustra qualquer discurso sobre o inevitável. O imprevisto que estávamos esperando: a implosão. O organismo superexcitado do gênero humano, depois de décadas de aceleração e de frenesi, depois de alguns meses de convulsões sem perspectivas, encerrado no túnel cheio de raiva, de gritos e de fumaça, finalmente se vê afetado pelo colapso. (p. 40)

Agora o vírus desinfla a bruxa da aceleração (p. 41)

É o corpo que decidiu baixar o ritmo. A desmobilização geral do coronavírus é um sintoma do estancamento, antes de ser uma causa do mesmo (p. 43)

Não podemos saber como sairemos da pandemia, cujas condições foram criadas pelo neoliberalismo, pelos cortes à saúde pública, pela hiperexploração nervosa. Podemos sair dela definitivamente sós, agressivos e competitivos. Porém, pelo contrário, poderemos sair dela com um grande desejo de abraçar; solidariedade social, contato, igualdade⁴. (p. 54)

Slavoj Žižek (2020, 27 de febrero)⁵,

É difícil passar por alto a extrema ironia do fato de que aquilo que uniu todos

³ Franco Berardi (Bifo), filósofo contemporâneo italiano, atualmente é docente em Bologna. Graduado em Estética na faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bologna. Colabora para a revista *Loop y Alfabeta2*. Fundador e colaborador da Radio Alice, também fundou em 2002 a TV Orfeo, a primeira televisão comunitária italiana. Publicou *A fábrica da infelicidade*.

⁴ Todas as citações extraídas da *Sopa de Wuhan* são traduções minhas.

⁵ Slavoj Žižek, filósofo, sociólogo, psicanalista e crítico cultural esloveno. É investigador sênior no Instituto de Sociologia e Filosofia da Universidade de Ljubljana, professor na Universidade de Nova York e diretor internacional do Instituto Birkbeck para as Humanidades da Universidade de Londres.

nós e nos empurrou à solidariedade global se expressa no âmbito da vida cotidiana em ordens estritas para evitar contatos próximos com os demais, inclusive para isolar-se. Hoje não estamos lidando somente com ameaças virais: outras catástrofes se avizinham no horizonte ou já estão ocorrendo (...) Contra estas esperanças demasiadas fáceis, primeiro temos que aceitar que a ameaça chegou para ficar. Inclusive, se esta onda retrocede, reaparecerá em novas formas, quem sabe inclusive mais perigosas. (p. 25)

A questão não é desfrutar sadicamente o sofrimento generalizado, na medida em que ajuda a nossa causa; pelo contrário, o ponto é refletir sobre o fato triste de que necessitávamos de uma catástrofe para que pudéssemos repensar as características básicas da sociedade em que nos encontramos. (p. 24)

Incluo aqui também trechos de uma entrevista com o escritor Ailton Krenak (2020, 03 de abril)⁶:

Os seres humanos têm nesse isolamento social pelo qual passa a maior parte do planeta uma oportunidade para a pausa e correção de rumos (...). O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise. Se esta tragédia serve para alguma coisa é mostrar quem somos. É para nós refletirmos e prestar atenção ao sentido do que venha mesmo ser humano. (...) Todos precisam despertar. (...) Tomara que, depois disso tudo, não voltemos à chamada 'normalidade', pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Aí sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira. (s/p)

Conforme fui lendo os diversos textos, aos poucos percebi que, na sua grande maioria, todos querem falar de um colapso. Parece ser consenso que aquilo que está sendo vivenciado no mundo tem uma dimensão muito maior do que pensar na ameaça à saúde física. Os textos reconhecem que estamos frente a um colapso que implica a todos e nos defronta com o modo como fomos nos subjetivando. A ideia é *quase* unânime de que não seremos mais os mesmos ou que já não somos mais os mesmos após a chegada da COVID-19. Porém, igualmente observo o quanto, para alguns, é possível contemplar o inusitado sem julgamento ou certeza, enquanto outros precisam se defender do desconhecimento e do desamparo. Alguns apresentam elementos negativos despertados, mas contemplam aspectos

⁶ Ailton Krenak é escritor, doutor honoris causa pela Universidade de Juiz de Fora e autor do livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, além de ser um destacado ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas.

Luisa Maria Rizzo

de esperança, potencializando a integração de algo que ficou para trás; outros só observam uma intenção destrutiva que se aproveita para sobressair, criando hipóteses delirantes sobre a origem da pandemia, como me pareceu a passagem trazida por Agamben no texto abaixo.

Giorgio Agamben (2020, 26 de febrero)⁷,

Parece que, havendo esgotado o terrorismo como causa das medidas excepcionais, a invenção de uma epidemia pode oferecer o pretexto ideal para estendê-las muito além dos limites. O outro fator, não menos inquietante, é o estado de medo que evidentemente se estendeu nos últimos anos nas consciências dos indivíduos e que se traduz em uma necessidade real de estados de pânico coletivo, aos quais a epidemia volta a oferecer um pretexto ideal. Assim, em um círculo vicioso perverso, a limitação da liberdade imposta pelos governos é aceita em nome de um desejo de segurança que tem sido induzido pelos mesmos governos que agora intervêm para satisfazê-la. (p. 19)

Penso que um diálogo capaz de agregar e criar novas reflexões precisa tolerar o paradoxo. Esta foi uma marca importante na teoria de Winnicott, implicando em alguém poder se desenvolver na presença de alguém mais. Mas, já observava Winnicott (1958/1979a, p. 34), isso se torna impossível quando o mundo interno está habitado por perseguidores. O paradoxo aqui é que essa catástrofe que estamos vivendo já aconteceu antes, mas ainda não tínhamos mente para vivenciá-la.

Situações dramáticas como a que estamos vivendo tornam-se linhas divisórias e determinantes de transformações no ser humano e na cultura. A probabilidade é de que, depois de experiências de sofrimento, abandono, desamparo e necessidades de cuidados de toda a ordem, verifique-se uma maior atenção e observação às reações frente às perdas. Para ilustrar isto, ninguém melhor do que Winnicott, que após sua vivência na guerra, passou por uma grande transformação em seu pensamento.

Por intermédio de Clare, esposa de Winnicott, sabemos que foi justamente a partir de sua vivência na Segunda Guerra que ele desenvolveu uma compreensão maior do sofrimento humano. Na época, quando foi nomeado psiquiatra consultor do Plano de Evacuação Governamental, em Londres, precisou lidar com crianças despossadas de suas famílias e, assim, pôde vivenciar corações e mentes perplexos,

⁷ Giorgio Agamben é filósofo italiano de renome internacional. Sua obra inclui estudos literários, linguísticos, estéticos e políticos, orientados à investigação filosófica da situação metafísica no Ocidente e sua possível saída nas circunstâncias atuais da história e cultura mundiais.

estarecidos, deslocados, traumatizados, cujos corpos estavam ameaçados de inanição, verificando que isso não tinha peso algum frente ao sofrimento maior com o terror do desamparo ou do desaparecimento de um viver. Winnicott (1963/1979b) passa a compreender que a vida não tem a morte como o seu oposto, que se origina e se estabelece a partir de um não viver.

O não-viver estará na base do que Winnicott vai definir como o “medo do colapso”. Revisitar este conceito pareceu-me importante no contexto que estamos vivendo, no qual testemunhamos um desamparo reeditado. Nas passagens apresentadas pelos pensadores, reconhecemos algumas similaridades com as observações de Winnicott em relação à vivência de um colapso: ou se fortalecem as defesas e saímos da experiência mais isolados, mais fechados e perseguidos pelas mesmas agonias primitivas impensáveis, alguns talvez até aniquilados, ou adquirimos a coragem de viver a vida ainda não vivida, o que significa a possibilidade de incluir a ilusão de um estado de unidade e dependência do outro até que gradativamente seja possível constituir um sujeito capaz de se diferenciar e relacionar de forma integrada.

Colapso ou medo do colapso?

O horror será minha responsabilidade até que se complete a metamorfose e que o horror se transforme em claridade (Lispector, 1964/1998, p. 18)

Foi através de sua experiência clínica que Winnicott despertou para a compreensão e para o significado do que chamou de “medo do colapso”. Sobre esta descoberta, comenta:

Desta observação, se for correta, pode-se tirar a conclusão de que esse medo acha-se relacionado às experiências passadas do indivíduo e aos caprichos ambientais. Ao mesmo tempo tem-se de esperar um denominador comum do mesmo medo, a indicar a existência de fenômenos universais, já que estes em verdade, tornam possível, a todos, saber empaticamente o que se sente quando um de nossos pacientes apresenta este medo em grande escala (Winnicott, 1963/1994, pp. 70-71).

Luisa Maria Rizzo

Escreto no seu último ano de vida⁸, Winnicott (1963/1994) explica que escolhe o termo “colapso” porque esta palavra pode ser tomada “como significando o fracasso de uma organização de defesa” ou “o impensável estado de coisas subjacente a uma organização de defesa” (p. 71). O paradoxo implícito neste conceito nos desorienta porque colapso passa a ser a organização de defesa de algo *impensável*. Posteriormente, vamos compreendendo que o *impensável* relaciona-se a um acontecimento não registrado porque não havia, na época, mente para que fosse vivenciado. Através de um paradoxo Winnicott define: o medo do colapso é o medo de um colapso já vivido. Identifica que este traumático do qual o paciente vai se defender é o da vivência de agonias primitivas: retorno a um estado não integrado, cair para sempre, despersonalização, perda do senso real, perda da capacidade de se relacionar com os objetos. Mas, complementa ainda Winnicott, é necessária pouca alteração para transferir a tese geral do medo do colapso para o medo específico da morte, para o sentimento de vazio e para um sentido de não existir. Afirma que, quando o medo da morte constitui um sintoma significativo, a promessa de uma vida futura fracassa em proporcionar alívio, e a razão é que isso se torna uma compulsão a procurar a morte. A morte aqui já aconteceu, mas não foi experienciada porque não havia maturidade de ego para tal, tendo o significado de aniquilamento. A ideia de Winnicott (1963/1994) é que o indivíduo vai permanecer buscando aquilo que não pode viver como se tivesse *algum* registro deste impensável estado de coisas, esclarecendo que pensar a respeito do medo do colapso é nos reportar onde não há traumas, mas “em nada acontecendo quando algo poderia proveitosamente ter acontecido” (p. 75). Explica que, na prática, verifica-se que o horror ao vazio induz à organização de um vazio controlado.

Ogden (2016) sugere que o mais próximo desta concepção de Winnicott de um acontecimento não vivenciado é o trabalho da Escola Francesa de Psicossomática, para quem a experiência emocional, perturbadora demais para o indivíduo tolerar, é relegada ao domínio do corpo onde possa se desenvolver como doença somática ou perversão. Complementa ainda que, a seu ver, “o termo ‘colapso’ refere-se ao colapso do vínculo mãe-bebê, o que deixa o bebê sozinho e em carne viva, e à beira da não existência” (p. 84). Winnicott (1963/1994) vai dizer que o ego de uma pessoa que sofreu colapso é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal. Na opinião de Ogden (2016), faltou Winnicott complementar que uma das motivações principais, senão a principal, para um indivíduo que não tenha vivenciado partes importantes do que aconteceu no início da vida é a necessidade urgente de reivindicar partes perdidas

⁸ Segundo informação de Ogden (2016).

de si mesmo para finalmente se completar, englobando, tanto quanto for capaz, grande parte de sua vida não vivida.

Não posso deixar de relacionar isto com o fenômeno universal que fez com que todos nós estivéssemos dentro de nossas casas, isolados, precisando repensar nosso modo de estar no mundo naquilo que, talvez, seja uma oportunidade de recuperar ou de exigir pela primeira vez o que perdemos de nós mesmos. Através das passagens com os pensamentos dos filósofos, vemos que o homem precisa parar para “despertar”, “ver quem somos”, para uma “correção de rumos” e “prestar atenção ao sentido do que venha a ser humano”.

Isso nos remete às origens, ao desamparo primordial. Winnicott (1956/1988) vai insistir na capacidade adaptativa da mãe “suficientemente boa” para ser capaz de colocar o objeto no lugar e no momento em que a criança é capaz de criá-lo. A experiência será prazerosa se a exigência de trabalho psíquico não exceder a sua capacidade de ligação.

Gostaria de relacionar aqui *o tempo não vivido*, mencionado por Winnicott a respeito do medo do colapso, com a hipótese de ausência da função prazerosa. A experiência prazerosa implicaria, a meu ver, a possibilidade de se criar um compasso entre mãe/bebê, um espaço em que os tempos pudessem estar sincronizados e a mãe fosse capaz de propiciar que o objeto estivesse ali no momento exato para o bebê viver a crença de um encontrado/criado. Quando isto não se cria, quando a área de onipotência não abarca esta vivência, a vida psíquica deste bebê continua a ser vivida fora de si mesmo, pois ele está impedido de fazer aquilo que Winnicott coloca como necessário para um vir a ser – que a psique habite o soma (Winnicott, 1949/1988).

Penso que ambos os temas, colapso e ritmo, podem ser vistos como duas faces opostas, uma que implica parada e, a outra, movimento. No *Dicionário Priberium da Língua Portuguesa* encontro como definição:

Colapso: no latim *colapsus*, particípio passado do verbo *collabor*, -labi, cair com, desabar, desfalecer. Na medicina: diminuição súbita e considerável da energia do cérebro e de todas as forças nervosas. Na botânica: estado da flor ou folha que se fechou. E ainda como sinônimo de ruína ou destruição de uma estrutura. (s/p)

Ritmo: vem do grego *rhythmós*, movimento repetido, que por sua vez veio do verbo *rhein*, deslizar, fluir, correr. Designa a sucessão regular dos tempos fortes e fracos que ocorrem alternadamente. Recorrência uniforme de uma batida, marcação, etc. (s/p)

Luisa Maria Rizzo

Minha intenção é apresentar um questionamento a respeito do quanto a aquisição do ritmo pode reinstalar aquilo que o colapso estancou e, talvez, criar ou recriar, com o ritmo compartilhado, a experiência “prazerosa” da maneira anteriormente destacada por Winnicott como necessária para a aquisição da confiança.

Em busca de um ritmo compartilhado

*“Eu queria aprender o idioma das árvores.
Saber as canções do vento nas folhas da
tarde. Eu queria apalpar os perfumes do sol”.*
(Manoel de Barros, 2003, p. 464)

A corporeidade teve um papel central na teoria de Winnicott. A larga experiência como pediatra certamente orientou seu olhar para a relevância do corpo como expressão da abertura do ser em direção ao mundo.

O que é mais original na obra de Winnicott vem de sua percepção de que bem antes de ingressar na dinâmica das relações objetais o bebê atravessa fases nas quais os elementos sensoriais e motores de sua experiência vão progressivamente – pela ação bem-sucedida da mãe – adquirindo contornos existenciais, até constituir um self. (Bezerra Junior, 2007, p. 39)

Winnicott vai relacionar o começo do psiquismo com o aspecto temporal. No *holding* mais precoce, a mãe envolve sua participação na sensação de tempo do bebê. Deste modo, transforma para ele o impacto da alteridade do tempo, criando seu lugar da ilusão de um mundo no qual o tempo é medido quase totalmente em termos de ritmos físicos e psicológicos. Com isso, a mãe dota a criança de uma confiança básica em sua capacidade criativa natural, o que faz com que seus contatos com a realidade não sejam marcados nem pela submissão, ou simples adaptação a ela, nem pelo acionamento recorrente à onipotência e fantasia (Ogden, 2005).

René Roussillon (2006), em seu livro *Paradoxos e situações limites em psicanálise*, apresenta um capítulo inteiro dedicado ao ritmo. Ao relacioná-lo com o conceito de Winnicott de encontrado/criado, que implica a mãe colocar o objeto no lugar e no momento em que a criança é capaz de encontrá-lo, ele se pergunta:

Não é preciso uma harmonização suficiente dos diferentes ritmos – o da sucção, das pressões, da mão de ambos, da continuidade/descontinuidade do fluxo do leite, da respiração etc. – para que a satisfação seja verdadeiramente encontrada/criada? (pp. 236-237)

Sobre o possível fracasso da experiência de harmonização primária dos ritmos vai lembrar a dificuldade das mães em organizar uma verdadeira diferença entre sexualidade e tempo adulto, de um lado, e sexualidade infantil de outro, mas também entre as capacidades do ego adulto e as do ego infantil. Relaciona também o fracasso desta tarefa com um “tipo de mãe que não confia de modo algum nos processos evolutivos de seu filho – e no funcionamento do corpo, de seus ritmos, de sua bio-lógica – e muito cedo tentam dominar e controlar estes, por/em sistemas de coerção e de violência” (pp. 238-239).

Roussillon comenta sobre as consequências disto: o interior da criança, em especial o interior corporal, é vivido como um mundo caótico, não organizado, o que impede a criação de alguma confiança nas auto-regulações biológicas. Diz Roussillon (2006) que

se, de fato, a pulsão se apoia nas funções corporais de auto-conservação – e reciprocamente, pois se trata de um apoio mútuo – o ego, por sua vez vai apoiar-se na sensação, na percepção (intero e exteroceptiva) e no ritmo delas que marca a bio-lógica. A disritmia obstrui o movimento de investimento da percepção e da sensação corporal, na medida em que estas são desqualificadas de fato, já que impróprias a informar a criança acerca das futuras satisfações ou insatisfações. (p. 239)

Desta forma, tais crianças são particularmente susceptíveis às variações quantitativas por causa da fraqueza das capacidades de tratamento interno. Assim, observa Roussillon, o aparelho psíquico se apoiará menos no corpo e na experiência do que em imperativos categóricos externos.

A criança, para *habitar o corpo*, tem necessidade de que o seu ambiente seja capaz de esperar suficientemente, ou seja, de esperar que seu trabalho de filtragem, de integração, de trânsito interno tenha avançado o suficiente para nele poder reconhecer-se e marcar seu traço próprio. Afirma o autor:

É o ritmo próprio da criança, o respeito de seu tempo, que vem sustentar essa apropriação egóica. Num ritmo muito rápido, a criança se sentirá despossuída,

Luisa Maria Rizzo

liquefeita, inconsistente, exposta a angústias de esvaziamento, de despejo – que ela poderá voltar contra si mesma numa defesa paradoxal, em vez de as refletir. Num ritmo muito lento, a experiência perderá seu sentido, seu valor e sua vida, o objeto intermediário perdendo-se na noite do tempo, mobilizando uma angústia de perda do objeto e abandono. (Roussillon, 2006, p. 243)

Observa Roussillon que será justamente o ritmo dessa experiência que vai sustentar, ao mesmo tempo, seu caráter apropriador e seu caráter vivo, animado. O ritmo suficientemente bom permite que a experiência se constitua como fonte de excitação pulsional e dá à criança o tempo de localizar e organizar esta excitação.

Estamos falando do tema de nossa reflexão: a ritmicidade. Um tempo suficiente é necessário à criança em cada uma das atividades para sentir-se plenamente o agente do que nela se passa. Roussillon (2006) fala sobre o trabalho de “domar” a pulsão. Observa que o papel do “não” só é plenamente eficaz se houver uma promessa de retorno, e cada um incluirá aí o seu “bom momento” para a realização, permitindo uma certa harmonização das coerções externas e dos imperativos internos do respeito ao ritmo próprio.

Penso novamente nas hipóteses de nossos interlocutores filósofos sobre a desistência do ser humano atual de regular seus próprios ritmos, submetidos à aceleração, obcecados pela produção, incapazes de se aproximarem das perdas que isso acarreta na aquisição da autonomia e do prazer de serem agentes das suas vidas.

Henrique Honigsztein (1972) é outro autor que estudou o tema do *ritmo*, relacionando aquilo que ele chama de núcleo rítmico com a criatividade. O núcleo rítmico vai ser registrador na psique de um relacionamento mãe/bebê harmônico, na qual o ego que se forma é como um regulador do id em suas manifestações, como se estivesse o harmonizando. O bebê, no mudo diálogo com a mãe não apenas pelo tato, mas por todos os sentidos, iria configurando, dentro de si, momentos de tranquilidade, um aparelho perceptual interno, que chama de *ouvido interno*. Para Honigsztein, a qualidade especial de uma obra de arte é o ritmo, a sucessão rítmica, na qual um determinado acontecimento culminante é o início de outro. A obra sem ritmo é morta, desagregada, como no exemplo que ele fornece, as obras dos esquizofrênicos. Nestas, observa, há disritmia, colocando-nos diante de fragmentos. Para Honigsztein, no ritmo existe uma tensão suportável. O ritmo, presente no criador, possibilitaria sustentar a contenção (p. 220).

Muitos são os autores que vão estudar o ritmo como fenômeno organizador da experiência na etapa primordial de um bebê.

Sue Gerhardt (2017), em seu livro, *Por que o amor é importante*, observa

que, enquanto somos bebês, temos nossas primeiras sensações e aprendemos o que fazer com os sentimentos. É quando começamos a organizar a nossa experiência de um modo que irá afetar nossas capacidades de comportamento e pensamento no decorrer da vida:

O período desde a concepção, até os dois primeiros anos – grosso modo, os primeiros mil dias de vida – é exclusivamente significativo, porque é nesse período que o sistema nervoso está sendo estabelecido e moldado pela experiência. Durante esse período, o modo como os pais se comportam tem tanta influência sobre a composição emocional da criança quanto sua herança genética. Suas respostas ao bebê o ensinam quais são suas próprias emoções e como gerenciá-las. (p.10)

Conforme Rosella Sandri (2000), para poder existir, são necessários um espaço e um tempo e, efetivamente, o corpo do bebê é o primeiro local de experiências, de relações e onde se formam os níveis primitivos de simbolização. Sandri coloca estes níveis primitivos de simbolização no mesmo status da organização do espaço corporal, pois é no corpo que o bebê descobre as primeiras fontes de pensamento, através de um gesto, de uma sensação, de um som. É também no espaço entre os dois, entre si e o outro, entre presença e ausência, que um objeto simbólico vem a ser criado. Concordando com Winnicott, observa ainda Sandri que será em torno desta noção primitiva de tempo que o bebê poderá descobrir um primeiro sentimento de existência. Quando um bebê começa a interiorizar um ritmo com a sua mãe, quando um certo grau de previsibilidade começa a ser possível para ele, nós podemos dizer que o tempo fez sua aparição na vida psíquica. A autora afirma que há um laço estreito entre a rítmica (dos cuidados, da voz materna, dos ritmos de vida de um bebê) e a temporalidade, sendo a aquisição de um ritmo a primeira interiorização de uma temporalidade que permite ao bebê prever, antecipar e constituir um objeto interno. A rítmica de sucção, os tempos de acordado e de sono, as trocas relacionais entre os pais, todos esses elementos fazem parte da construção de um tempo interno no bebê. No desenvolvimento de uma relação entre um bebê e seus pais, é interessante seguir a constituição de um ritmo comum e a interiorização de um tempo interno no qual o bebê começa a ter capacidade de previsão. Esta capacidade liga-se à emergência de sentimentos depressivos nos quais a ideia de fim aparece na cena psíquica com toda a sua intensidade. Observa Sandri (2000) que a primeira forma de temporalidade está ligada a um tempo circular, como um sol que gira em torno da Terra. O bebê

Luisa Maria Rizzo

perceberia a mãe assim como seu meio: como sóis que giram ao seu redor, cujos movimentos possuiriam um certo grau de previsibilidade antes que o tempo se torne – bem mais tarde – um tempo linear com começo e fim. Justamente esta dimensão de tempo circular permite ao bebê certa previsibilidade e estabilidade que são a base de seu sentimento de segurança. O bebê descobre rapidamente o conjunto de preparativos que precedem o banho, a mamadeira, a ida ao seio, a ida para a cama e uma sucessão temporal de eventos do dia, sobretudo se esse ritmo é bem regular. Desta forma, quando se dá a experiência de perda do objeto e a emergência de sentimentos depressivos, o espaço antes ocupado pelo objeto torna-se vazio, deixando lugar para o pensamento. Onde havia o seio, há uma emoção ligada ao vazio e, em seguida, na rítmica presença-ausência do seio, um pensamento do seio que permite tornar esse lugar vazio. A interiorização advinda da vivência da experiência rítmica não deixa o bebê submergir pela descontinuidade, que faz parte de qualquer desenvolvimento.

Outro estudioso do tema do *ritmo* foi o psicanalista uruguaio Victor Guerra. Ele observava que a construção do vínculo entre uma mãe e seu bebê podia ser vista como uma história de encontros e desencontros e de harmonias e desarmonias, e que, entre as múltiplas vertentes que compõem esta sinfonia, o ritmo pareceria ser um elemento fundamental. Guerra (2010) compreende o ritmo a partir de três perspectivas que acho interessante expor:

A primeira, como reiteração de uma experiência de forma cíclica e com certo grau de previsibilidade. Aqui o ritmo é aquilo que volta ou faz voltar.

A segunda, como uma forma de organização temporal da experiência. Exemplificando, cada indivíduo possui um ritmo próprio de fazer as coisas. Relaciona o ritmo com a vitalidade, distinguindo a vitalidade rítmica de movimento para seres vivos da impossibilidade de gerar impulsos de maneira autônoma para seres inanimados.

Em terceiro lugar, o ritmo configuraria uma das primeiras formas de inscrição da continuidade psíquica, uma identidade rítmica.

Podemos lembrar aqui de Francis Tustin (1988) que, no texto *O ritmo de segurança*, observa que a criança necessita desenvolver um sentido de segurança proveniente de seu objeto primário básico de identificação primária. Exemplifica com o relato de um bebê que, nos primeiros dias, não conseguia coordenar o ritmo de sua sucção e respiração de maneira a sincronizá-lo com a pulsão rítmica do leite que vinha do mamilo. “Na medida em que a coordenação muscular do bebê melhorou e a mãe foi conhecendo seu bebê, ambos se adaptaram mutuamente e, a partir do ritmo do bebê e do ritmo da mãe, um novo ritmo se desenvolveu: a

boca do bebê formava um selo de segurança ao redor do mamilo, de modo que boca, língua, mamilo e seio trabalhassem juntos e um ritmo sincronizado emergiu” (Tustin, 1988, pp. 28-29). Afirma a autora que a mente primitiva trabalha em termos de correspondências, similaridades sonoras e analogias. Um ritmo compartilhado, que vai além dos limites das práticas exclusivamente egocentradas, oferece a possibilidade de experimentar com segurança os contrários ao mesmo tempo, de modo que estes possam se modificar e se transformar mutuamente. Daí nasce o intercurso criativo.

Victor Guerra (2010), em seu trabalho *O ritmo na vida psíquica: entre perda e reencontro*, traz uma emocionante passagem que ilustra o que estou abordando. Cita uma experiência vivida, no tempo da ditadura militar argentina, pelo escritor Carlos Liscano, na época preso político, depois relatada em seu livro *Furgón de los locos* (2001). Ele descreve a situação que presenciou, ocorrida com um dos presos que voltou para a cela comum depois de ficar isolado por muito tempo na solitária, como forma de castigo. Comenta o escritor que, após alguns meses de isolamento, o prisioneiro retorna e seus companheiros oferecem comida, querem falar com ele, mas nada acontece e o homem permanece silencioso. Ao anoitecer, seus companheiros começam a batucar em potes plásticos e em caixas. O recém-chegado se incorpora e ensaia uns passos de dança. Há gritos e aplausos. Ele continua dançando e prossegue. Seu corpo movimentava-se, procura o ritmo. Encontra-o. Pouco a pouco, os demais fazem uma roda ao seu redor e ele dança e dança. De olhos fechados, gira e gira. “A música deve continuar para que o homem continue voando, viajando, em sua dança, em sua coisa, em sua felicidade. Está feliz, feliz, isso se vê em seu rosto, em seus olhos fechados, no corpo liberado. Há meses que está sozinho, que seu corpo não sente o calor de outro corpo amigo por perto”. O escritor comenta que, decorrida mais de uma hora dançando, ele para, sorri, olha para os demais e pergunta: “Há alguma coisa para comer?”. Complementa o escritor: “Já visitou o lugar que precisava visitar, sabe-se lá onde e com quem. Agora é outro, e está aqui. Quer comer” (Liscano, 2001, pp. 177-179).

Para Winnicott, um *holding* implica uma entrega confiante, sem temores de ansiedades primitivas. Essa doce harmonia surge pela contenção da não-integração pela integração – possibilitada pela mãe continente – das angústias do bebê nesse período. Relaciono aqui a aquisição da confiança como um aspecto que acompanha a harmonização de ritmos compartilhados. Será que esta ritmização poderá ser estabelecida ou restabelecida após a vivência de um colapso?

Luisa Maria Rizzo

A clínica *on-line*: o *setting* desencarnado

“Aproxime-se então da natureza. Depois, procure, como se fosse o primeiro homem, dizer tudo o que vê, vive, ama e perde”. (Rainer Maria Rilke, 1970, p. 23)

Vou me ater a uma realidade muito particular: a busca da continuidade da existência da relação analista-paciente a partir dos atendimentos na modalidade *on-line*. O que vou compartilhar é algo ainda recente, mas acredito que as observações e os questionamentos despertados podem se constituir em um *holding* capaz de sustentar o novo.

Confesso que o sentimento inicial foi de angústia, porque esta modalidade de atendimento não fazia parte da minha prática clínica. Aos poucos, fui me surpreendendo com o fato de que todos os meus pacientes concordaram com a proposta, com exceção de um deles, que reduziu o número de sessões. Identificada com o sentimento atual de desamparo coletivo, compreendi também esta aquiescência inicial e automática como resultante de tal sentimento.

Estabelecendo o *setting* físico: o primeiro passo foi me adaptar à tecnologia e também auxiliar alguns pacientes, menos familiarizados, para viabilizar a utilização desse recurso. O *setting* físico até então era uma construção particular de cada analista. O meu tinha o privilégio de já ser anteriormente em minha própria casa, o que me permitiu uma adaptação mais amena do que imaginava que seria com os pacientes. O papel do analista é proporcionar ao paciente a condição para que se instale aquilo que ele desenvolveu como a “continuidade da existência”. Interessante pensar que, neste novo contexto, os pacientes também terão seu papel no reassuramento da continuidade. Surge, assim, um sentimento de gratidão a todos os pacientes.

Mesmo com esta condição, a experiência era totalmente nova para ambos. A participação do paciente nesse rearranjo seria relevante e vital. O fato de ser novidade tanto para mim como para eles deu margem para que houvesse uma relativa flexibilidade para introduzir as singularidades de cada um ou de cada dupla. Acredito que a oposição da tela ou da tecnologia entre o par proporcionou uma necessidade de gerenciamento e reconhecimento da realidade externa e da alteridade para esta construção. Os pacientes sugeriam como ficaria melhor: uns deitavam-se em suas camas, outros criavam um divã em um quarto da casa, outros ainda precisavam se deslocar até o carro para terem alguma privacidade e haviam aqueles que iam para o próprio consultório e deitavam-se no seu divã,

vivendo a experiência de serem pacientes onde também eram analistas. Poucos preferiram que a sessão fosse apenas de áudio. Penso que o meu amparo nestas circunstâncias estará vinculado a um *tempo* de sustentação para que possam surgir as singularidades deste reencontro entre eu e o objeto, a atenção à ação e reação, a sintonia ou a sinfonia. Também busquei o mais confortável para mim, o que resultou na criação de um hábito: eu enviaria um *WhatsApp* no horário da sessão dizendo “estou aqui”, e então aguardaria a chamada do paciente. Pensei que seria uma solução na qual a invasão estaria mais controlada para ambos. Dentro deste novo arranjo, entendo que o analista entra na *casa interna* e externa do paciente.

A criação do espaço físico em suas próprias casas tornou este desafio uma demanda para o par analítico, já que, com muitos pacientes, precisamos trabalhar a aquisição deste espaço e tempo. Em alguns, eu percebi uma motivação clara para recriar o que já possuíam, repetindo a colocação do celular em um lugar onde pudessem manter ao máximo a configuração familiar conhecida, com o analista atrás e o paciente deitado, como também faziam aqueles que costumavam estar frente a frente comigo. Outros criaram alternativas novas sem se preocuparem com a mudança, parecendo não terem sido afetados pela quebra do familiar conhecido. No entanto, alguns tiveram maior dificuldade de reconquistar um novo espaço para as sessões: pareceu-me um trabalho rico, o fato de estarmos juntos construindo um espaço, o qual, para estes pacientes, teve o carro como opção melhor de privacidade. De forma gradativa, fui me tranquilizando em relação à possibilidade de manutenção das sessões e do tratamento. Porém, outras questões puderam surgir desta acomodação física.

Encontro no trabalho de Alessandra Lemma (2016), psicanalista inglesa, em um texto sobre o corpo do analista e o *setting* analítico, com reflexões sobre o *setting* encarnado, as questões que gostaria de deixar aqui como reflexões finais.

Lemma parte da constatação de que trabalhamos sempre com dois *settings*, o fornecido pelo analista e o trazido pelo paciente. Questiona então as ressonâncias destas configurações quando estamos frente a pacientes mais regressivos, com transferências simbióticas, por exemplo. Em seu trabalho, ela vai questionar se existe mérito em conceituar o corpo do analista como parte do *setting*, usando o termo *setting encarnado* para referir-se a este espaço. Não vou desenvolver suas ideias aqui, porque a minha intenção é ocupar um espaço de questionamentos frente a um elemento novo que se introduziu – sem ser convidado – nos nossos consultórios.

Minhas questões se referem à ausência da presença física e sua repercussão. A autora apresenta a ilustração de um caso clínico em que os elementos sensoriais, observados e sentidos tanto pelo analista como pelo paciente, levaram a intensas

Luisa Maria Rizzo

respostas contratransferenciais somáticas no analista, bem como trouxeram fantasias que agiram como estímulos poderosos ao mundo interno do paciente, manifestando-se na forma de associações ou *enactments*. Constatamos a imensidão do que perdemos, algo que talvez ainda não teve a devida visibilidade em função da demanda maior que consiste na configuração de uma possível continuidade. Entretanto, alguns sinais dessa perda se escancaram no diálogo paciente/analista em relação justamente ao ritmo. No decorrer destes dois meses em que estou atendendo *on-line*, percebi que os silêncios, tanto dos pacientes quanto os meus, geram alguma angústia, frequentemente aparecendo a pergunta: estás aí? Minha fala por vezes fica deslocada, fora do tempo, e, às vezes, o silêncio acaba não comunicando continuidade e sintonia, e sim desinvestimento. Penso que o corpo é quem nos sinaliza o ritmo. Conforme vimos anteriormente, o ritmo compartilhado é o responsável por estabelecer a constância necessária para poder esperar algo, suportar a ausência e preenchê-la com o pensamento e a simbolização. Como isso se dará nesse tempo de quarentena? O espaço se constituiu, mas, e o tempo, os ritmos? Lembro aqui de um compositor canadense que escreveu um trabalho pioneiro na área de pesquisa sonora, R. Murray Schafer (1992). Na obra *O ouvido pensante*, ele fala sobre educação musical e convida o leitor a ingressar no universo sonoro, sugerindo uma nova postura do ouvir. Em uma passagem, Schafer diz:

Abre-te ouvido, para os sons existentes, desaparecidos, imaginados, pensados, sonhados, fruídos. Abre-te para os sons originais, da criação do mundo, do início de todas as eras. Para os sons rituais, para os sons míticos, místicos, mágicos. Encantados... Para os sons de hoje e de amanhã. Para os sons da terra, do ar e da água... Para os sons cósmicos, microcósmicos, macrocósmicos... Mas abre-te também para os sons de aqui e de agora, para os sons do cotidiano da cidade, dos campos, das máquinas, dos animais, do corpo, da voz. Abre-te, ouvido, para os sons da vida. (pp. 10-11)

Talvez esse tempo seja um desafio aos nossos ouvidos pensantes, atentos a esses sons, ora leves ora fortes, até que se constitua um ritmo familiar para ambos, singular de cada dupla, o qual será capaz de nos devolver alguma previsibilidade, confiança, esperança de poder colocar nossa fala ali no momento em que o paciente precisa ouvi-la, de forma a que seja constituído um espaço prazeroso de encontro, o intercurso criativo. E não é mesmo o sentido da audição aquele que primeiro se desenvolve no bebê dentro do útero? O desafio atual que vivenciamos se refere ao papel da corporeidade na vida subjetiva, e entendo que o cansaço inicial identificado

por todos os analistas, ao começarem os atendimentos *on-line*, pode relacionar-se ao esforço que fizemos e continuamos fazendo para capturar essa dimensão.

Contudo, uma surpresa foi me tranquilizando em relação à continuidade de um processo psicanalítico: curiosamente, os sonhos estão mais presentes, tanto nos pacientes como na analista, e até alguns aspectos de suas vidas, antes minimizados, passaram a habitar as sessões. A vivência de desamparo colocou todos nós dentro de nossas casas, talvez trazendo a oportunidade de restaurar a criança que cada um foi e ainda é, ao mesmo tempo em que se reencontra o espaço do sonho. □

Abstract

The collapse of rhythm

The author reflects upon the theme of rhythm as a fundamental element for psychic continuity and as a structuring element so that a harmonic mother/baby relationship can be recorded in the psyche. The unexpected and traumatic event of COVID-19 imposes a disruption and subjectivizes writing, in particular, leading to the creation of new vortices, among which the theme of collapse is embedded. Winnicott's concept on the *fear of collapse* is updated within such context, in which emptiness, death, and non-life emerge. Philosophy is also present as an important form of interlocution, with excerpts from current essays by philosophers regarding the impact of the pandemic, reflecting and illustrating the themes of collapse and rhythm. René Roussillon and Victor Guerra's thoughts are approached, through their contributions on the rhythm of psychic life and the condition of predictability that is implicit in this acquisition. The resonance of these themes in the clinical setting, based on care provided on-line, is addressed as the final aspect, having as reference Alessandra Lemma's contributions about the embodied setting.

Keywords: Winnicott; COVID-19; Fear of collapse; Rhythm; Temporality; On-line care

Resumen

El colapso del ritmo

La autora reflexiona sobre el tema del ritmo como elemento fundamental para la continuidad psíquica y como factor estructurante para el registro, en la psique, de una relación armoniosa madre/bebé. El evento inusitado y traumático da

Luisa Maria Rizzo

COVID-19 hace un recorte y viene subjetivar la escritura de una manera particular, ocasionando la creación de nuevos vértices, entre los cuales se inserta el tema del colapso. El concepto de Winnicott del *miedo al colapso* se actualiza en este contexto, en el que surgen el vacío, la muerte y la no vida. La filosofía también está presente como una interlocución importante, con pasajes de ensayos actuales de filósofos sobre el impacto de la pandemia, reflejando e ilustrando los temas del colapso y el ritmo. Se recorre aún el pensamiento de René Roussillon y Victor Guerra, a través de sus contribuciones con respecto al ritmo en la vida psíquica y la condición de previsibilidad implícita en esta adquisición. La resonancia de estos temas en la clínica, desde el atendimento en línea, es abordada como último aspecto, teniendo como referencia las contribuciones de Alessandra Lemma sobre el *setting* encarnado.

Palabras clave: Winnicott; COVID-19; Miedo al colapso; Ritmo; Temporalidad; Atendimento en línea

Referências

- Agamben, G. (2020, 26 de febrero). La invención de una pandemia. En G. Agamben et al., *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (pp. 17-19). Buenos Aires: Pablo Amadeo/ Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), E-book, 188p.
- Agamben, G., Žižek, S., Nancy, J.L., Berardi, F., López Petit, S., Butler, J., Badiou, A., Harvey, D., Han, B-C., Zibechi, R., Galindo, M., Gabriel, M., Yáñez González, G., Manrique, P., y Preciado, P.B. (2020). *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia*. Buenos Aires: Pablo Amadeo/ Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), E-book, 188 p.
- Barros, M. de (2003). Cantigas por um passarinho à toa. In *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.
- Berardi, F.B. (2020, 19 de marzo). Crónica de la psicodefiliación. En G. Agamben et al., *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (pp. 35-54). Buenos Aires: Pablo Amadeo/ Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), E-book, 188 p.
- Bezerra Junior, F. (2007). Winnicott e Merleau-Ponty: o continuum da experiência subjetiva. In F. Bezerra Junior, & F. Ortega, *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2020). [On-line]. Recuperado de <https://dicionario.priberam.org/>
- Gerhardt, S. (2017). *Por que o amor é importante. Como o afeto molda o cérebro do bebê*. Porto Alegre: Grupo A/ Artmed.

- Guerra, V. (2010). O ritmo na vida psíquica: entre perda e reencontro. In S. M. A.-J. Zornig & R. O. de Aragão (Orgs.), *Nascimento: antes e depois, cuidados em rede*. Curitiba: Honoris Causa.
- Honigsztejn, H. (1972). O núcleo rítmico. Um estudo sobre a criação artística e científica. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica.
- Krenak, A. (2020, 3 de abril). Ailton Krenak, em entrevista para Bertha Maakaroun. *Jornal online Estado de Minas*, Seção Pensar. Recuperado de https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em- crise-opina-ailton-krenak.shtml
- Lemma, A. (2016). O corpo do analista e o *setting* analítico: reflexões sobre o *setting* encarnado e a transferência simbiótica. In *Livro Anual de Psicanálise*, Tomo XXX-1, 95-115, São Paulo: Escuta.
- Liscano, C. (2001). *El furgón de los locos*. Montevideo: Ed. Planeta, Uruguai.
- Lispector, C. (1998). A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco. (Publicação original em 1964)
- Ogden, T.H. (2005). *Esta arte da psicanálise. Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.
- Ogden, T.H. (2016). O medo do colapso e a vida não vivida. In *Livro Anual de Psicanálise*, Tomo XXX-1, 77-93, São Paulo: Escuta.
- Rilke, R.M. (1970). *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: Globo.
- Roussillon, R. (2006). O ritmo, o transicional, o trânsito e o quadro. In *Paradoxos e situações limites da psicanálise* (pp. 231-250). Porto Alegre: Unissinos.
- Sandri, R. (2000). O primeiro sentimento de existência do bebê: entre corpo e psiquismo. *Conferência realizada na Clínica Pais-Bebê*, Porto Alegre, 2000.
- Schafer, R.M. (1992). *O ouvido pensante*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Tustin, F. (1988). O ritmo de segurança. *Jornal de Psicanálise*, 21 (43).
- Winnicott, D.W. (1979a). A capacidade de estar só. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958)
- Winnicott, D.W. (1979b). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D.W. (1988). A mente e a sua relação com o psique-soma. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1949)
- Winnicott, D.W. (1988). Preocupação materno primária. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1956)
- Winnicott, D.W. (1994). O medo do colapso (*Breakdown*). In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 70-76). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)

Luisa Maria Rizzo

Žižek, S. (2020, 27 de febrero). Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo de ‘Kill Bill’ y podría conducir a la reinención del comunismo. En G. Agamben et al., *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia* (pp. 21-28). Buenos Aires: Pablo Amadeo/ Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), E-book, 188 p.

Recebido em 13/05/2020

Aceito em 03/06/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Vânia Elisabete Dalcin**

Luisa Maria Rizzo

Rua Gal. Souza Doca, 101

90630-050 – Porto Alegre – RS – Brasil

luisa.m.rizzo@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA